

PARTE I

A pesquisa em História da Psicologia

Que fazem os historiógrafos?

Uma leitura de Josef Brožek

Josef Brožek
Erlaine Guerra

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BROŽEK, J., and GUERRA, E. Que fazem os historiógrafos? Uma leitura de Josef Brožek. In FREITAS, RH., org. *História da psicologia: pesquisa, formação, ensino* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 3-20. ISBN: 978-85-99662-83-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Que fazem os historiógrafos? Uma leitura de Josef Brožek¹

Josef Brožek* e Erlaine Guerra**

Os relatos de eventos passados representam reconstruções baseadas em fragmentos deste passado. O historiador identifica os vestígios para poder coletá-los, organizá-los, analisá-los e interpretá-los. Descobre os documentos, fotografa e os transcreve, torna-os disponíveis. A recuperação de documentos é uma valiosa contribuição aos nossos conhecimentos. Todavia, estou de acordo que os documentos constituem a matéria-prima, dados crus da historiografia, não história mesma. Tornam-se história por meio de análise e elucidação.

Admito ser “alérgico” à aplicação da maioria dos grandes esquemas interpretativos existentes, sejam os esquemas da psicanálise, sejam os esquemas clássicos dos marxistas soviéticos que reduzem a dinâmica do desenvolvimento da história da psicologia ao conflito entre o idealismo e o materialismo.

Tive uma confrontação com os colegas soviéticos no contexto da segunda reunião da sociedade psicológica soviética, que aconteceu em Leningrado em 1963, por causa desse tema.

Prefiro aderir fielmente aos dados e ligar a explanação à evidência. Concordo, porém, que uma história sem explanação se torna uma crônica, uma fileira de eventos apresentados em ordem cronológica, no fio do tempo.

Há dois fatos de importância fundamental: 1) é impossível registrar todos os fatos potencialmente relevantes; 2) é indispensável saber escolher os documentos para um estudo aprofundado. Em contraste com a pesquisa psicológica *random sampling*, o tirar amostras ao acaso não serve.

¹ O presente texto foi redigido a partir de anotações do Curso de História da Psicologia, ministrado pelo professor Brožek na USP de Ribeirão Preto, de 14 a 17 de maio de 1996. A segunda autora agradece a colaboração de Luciana S. Campanário na digitação das notas do Professor Brožek referentes aos exemplos de estudo quantitativo e surgimento de *Cheiron*.

* Professor na Lehigh University, nos Estados Unidos da América.

** Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Como podemos distinguir um vestígio trivial de um dado significativo? Não existe regra. Às vezes, um dado relativamente isolado pode ter grande significado, por exemplo, a data de um manuscrito ou da morte de um autor. Quando procuramos a emergência de concepções maiores, duradouras, podemos sem perigo passar por cima de afirmações efêmeras, idiossincráticas.

A historiografia requer a coordenação da evidência, com o objetivo de produzir um relato coerente de uma faceta do passado. Este fornece a interpretação, uma tentativa de explanação. O historiador busca as relações entre os eventos. Uma síntese histórica deve ter raízes nos fatos, mas é preciso ir além da matéria-prima, para ver e apresentar os fatos na perspectiva.

História como conduta

Os acontecimentos que constituem o passado estudado pelos historiadores representam, na maior parte, ações de um indivíduo ou um grupo de indivíduos num tempo específico. Em outros termos, os eventos históricos representam formas de conduta. Como tais, os eventos são determinados, mesmo que tenham a ver com uma determinação complexa: alguns determinantes são imediatos, outros mais remotos no tempo; alguns são internos, outros são externos. Funcionam no quadro do desenvolvimento dos indivíduos (o que Hans Driesch, 1867-1941, denominou a base histórica de reação) e do *Zeitgeist* – o espírito do tempo (e às vezes de *Ortsgeist* – o espírito de lugar).

Para nós, como psicólogos, as realidades históricas básicas não são as guerras, o feudalismo, o partido democrático, nem a Renascença, a Idade da Razão, ou a Revolução Industrial. Olhando para trás percebemos a conduta de homens e mulheres concretos que vivem e escrevem no contexto de uma sociedade caracterizada pelas intenções, invenções e idéias.

Rigorosamente falando, a psicologia científica não tem emergido como resultado do casamento poligâmico da Filosofia, Física, Biologia e Fisiologia. Não: os atores são homens específicos. Pode ser um Ernest Heinrich Weber (1795-1878), professor de Anatomia e, mais tarde, de Fisiologia, que começou a estudar perto do ano de 1830 as relações entre a intensidade de estímulos e a intensidade das sensações (*De pulsu*,

resorptione, auditu et tactu: Annotationes anatomicae et physiologicae, 1834). Pode ser um Franciscus Cornelis Donders (1818-1889), fisiólogo holandês, que estudou, aproximadamente no ano de 1865, a velocidade dos processos mentais. Herman Ebbinghaus (1850-1909), por exemplo, sem ajuda de ninguém, realizou experimentos sobre a memória, criando um importante capítulo da Psicologia contemporânea (*Ueber das Gedächtnis*, 1885). A Psicofísica, a Psicomетria e a Psicologia da Aprendizagem são as três colunas da Psicologia Experimental. Esta é uma abordagem psicológica à história – história de cientistas individuais.

Na sua abordagem ao estudo da história, o sociólogo dará ênfase ao papel de grupos, de instituições, de ideologias. Ambas as abordagens são válidas, e uma pode complementar a outra.

Coletar e interpretar a evidência

Em princípio, a pesquisa histórica não difere de outras categorias de pesquisa: Pesquisa Histórica = E (evidência) *versus* T (teoria). Evidência coordenada e interpretada pela teoria.

Este é um princípio, não uma receita. A receita é a aplicação de um princípio geral em uma situação específica. A pesquisa histórica envolve técnicas distintas da pesquisa de laboratório, clínica, ou de ambiente social. Não podemos mandar um questionário a Francis Galton (1822-1911), o versátil primo de Charles Darwin (1809-1882); não é possível fazer uma entrevista com ele. A pesquisa histórica pode exigir conhecimentos que ultrapassem a psicologia contemporânea, como a habilidade com línguas estrangeiras (alemão, francês, latim... de acordo com o tópico estudado). Conhecimentos básicos essenciais podem incluir física e matemática, biologia ou pedagogia, mas também geografia e a história geral do período que queremos estudar. É claro que nenhum indivíduo pode fazer tudo!

Podemos optar por limitar nossa pesquisa à história da psicologia numa área lingüística. Por exemplo, Brasil e Portugal; ou países onde se fala inglês. É aconselhável, no início, escolher uma área geográfica e lingüística limitada, para que o tema possa ser examinado a fundo. Consideremos por um momento a *história da terminologia psicológica*. Com o decorrer do tempo, os termos psicológicos mudam de sentido. Lamentavelmente, não existe um vocabulário histórico da psicologia (o

melhor que temos é uma obra em língua alemã impressionante: *Historisches Worterbuch der Philosophie*, no seu oitavo volume). Por exemplo, quando li o termo *tempo fisiológico* em uma certa obra escrita em holandês (tradução do termo *physiologische tijd*), fiquei confuso para entender seu significado naquele contexto específico. Por fim pude constatar que o termo tem a ver com um antigo sinônimo *do tempo de reação*.

Problemas lingüísticos crescem quando regressamos no tempo. No relato a respeito do progresso das ciências, escrito por um cientista francês, De Maupertuis (em 1752), há uma parte na qual se fala, com espírito muito moderno, sobre *experimentos psicológicos*. Mas quais são os termos utilizados por De Maupertuis? Por exemplo, neste relato em língua francesa, no qual está escrito *experiences metaphysiques*, poderíamos simplesmente traduzir por *experiências metafísicas*?

Da descrição à interpretação

A historiografia começa com o relato de quem fez, o que fez, quando, e em que lugar, porém procura fazer um relato que explica não só “o quê” mas o “porquê”.

Por que foi Wundt (1832-1920) e não, digamos, Helmholtz (1821-1894) quem estabeleceu o primeiro ou, ao menos, um dos primeiros laboratórios para a psicologia experimental? Por que isto aconteceu na Alemanha, e não na França, ou nos Estados Unidos? Por que os americanos responderam tão positivamente a Wundt e a seus *Fundamentos de Psicologia Fisiológica* (1873-74), ao esboço de uma psicologia construída segundo o modelo da fisiologia experimental, ficando pouco receptivos, se não esquecidos, de sua psicologia sociocultural, que Wundt chamou de *Volkerpsychologie*, a psicologia dos povos? Wundt levou a sério esta especialidade da psicologia, dedicando os últimos 20 anos de sua vida a este campo. Sua obra resultou em dez grandes volumes – uma terra incógnita na América.

A explanação é mais desejável que uma descrição. Ao mesmo tempo, dar uma explanação satisfatória não é uma tarefa fácil. Em primeiro lugar, só fragmentos do passado sobrevivem. Estaríamos em dificuldade se quiséssemos apresentar um quadro desse passado caracterizado pela

continuidade, coerência e ordem. Raramente, ou, quase nunca, podemos fornecer soluções que sejam totalmente satisfatórias.

Podemos reconstruir o meio ambiente social, econômico, político, cultural e científico de um autor mais facilmente que o seu mundo interior, seu lugar próprio neste ambiente comum. Raramente, se não jamais, podemos determinar com confiança os motivos de outras pessoas.

Talvez devêssemos pensar e falar não das “causas”, mas das “condições”. As “causas” têm um sabor “fiscalístico”. O termo “causação” sugere a existência de antecedentes que invariavelmente são seguidos por efeitos específicos.

Na psicologia, eu sempre, e decididamente, preferi o modelo geral de conduta proposto por Woodworth (S-O-R, estímulo-organismo-resposta) ao modelo S-R (estímulo-resposta) do behaviorismo clássico.

O modelo de Woodworth (1869-1962) tem a vantagem do paralelismo com as três categorias de dados históricos:

- fatos que concernem à situação,
- fatos acerca da gente que participa do evento, e
- fatos que se referem ao evento mesmo.

Alguns historiadores acham proveitoso diferenciar entre duas categorias ou classes de condições: 1) antecedentes e 2) agentes precipitantes.

Podemos considerar os antecedentes como condições gerais, condições que fazem possível um evento; os precipitantes são condições específicas, particulares, que fazem o evento inevitável.

Na perspectiva do modelo S-O-R da conduta, os eventos são condicionados por processos de estimulação externa e de estimulação interna (percepções, crenças, aspirações, expectativas).

Resumindo: as interpretações (explanções) dos historiadores baseiam-se na coleção, análise e síntese de dados (evidência), escolhidos na base de uma hipótese que pode vir a ser comprovada ou rejeitada. Os fatores não são estudados isoladamente, mas como partes de um sistema dinâmico de condições que determinam a conduta.

Perspectivas largas: historicismo contra presentismo

Os historicistas insistem na compreensão de uma idéia, de um autor ou de uma abordagem no quadro de uma fatia do tempo. Devemos ter a cautela, continuam os historicistas, para evitar a intrusão, quase involuntária, do pensamento presente. O uso de conceitos e termos contemporâneos, digamos, “funcionalismo”, “evolução” ou “condicionamento”, no pensar de homens que viviam há muito tempo, conduz facilmente a *anacronismo*, isto é, a simplificação exagerada e interpretação errônea.

Uma visão retrospectiva, baseada nos conhecimentos e modelos contemporâneos, pode nos induzir, por exemplo, numa consideração de nossos antecedentes como ingênuos. As gerações seguintes podem aplicar os mesmos epítetos a nós mesmos. Por outro lado, o presentismo insiste no significado do passado, quando existe algum, para nossos dias. Facilmente, torna-se um preconceito com relação a esse passado, pois não podemos selecionar do passado só as idéias vistas como uma antecipação do presente. Esta estratégia tem seus aspectos positivos, seus interesses e seus méritos, porém as limitações e perigos do presentismo são muito mais agudos. Existe o perigo que o historiador presentista produza um relato que é nada menos que uma ratificação, ou uma glorificação do presente. A marcha da história é apresentada como um progresso contínuo de um passado ignorante aos nossos conhecimentos profundos e inevitáveis do presente. Nossos antepassados são considerados simplesmente como nossos precursores.

A idéia de que hoje vemos um caminho claro e seguro que deve nos conduzir para um futuro de grandes esperanças, seja na Ciência seja na vida política, seria verdadeira? Infelizmente as coisas parecem não ser assim. Como indivíduos, como membros de sociedades de psicologia, como sociedade, podemos estar mais conscientes de muitas alternativas do que de um caminho seguro para futuro.

Resumindo: para mim, ambas as abordagens possuem seus aspectos positivos e também seus perigos e limitações. Alguns de nós somos atraídos pela história vista como uma série de fatias horizontais; outros preferem ver a história como uma reconstrução vertical de temas e tendências escolhidas.

Modelos de história

Consideraremos quatro modelos: 1) O *Zeitgeist* – o espírito do tempo; 2) Grandes homens; 3) Abordagem psicanalítica; e 4) Uma visão multifatorial.

1. O *Zeitgeist*

Podemos traduzir o termo alemão como o espírito (ou índole) do tempo.

Wolfgang Goethe (1749-1832), um poeta e pensador alemão, viu o *Zeitgeist* como um “conjunto de opiniões que dominam um momento específico da história e que, sem nosso saber, ou inconscientemente, formam o pensamento de todos os que vivem em seu contexto”.

Menos poeticamente, utilizando uma terminologia antropológica, poderíamos falar da “cultura do dia, cultura dos tempos”: os conhecimentos, as crenças, as atitudes das pessoas que vivem num tempo e num lugar específicos.

Em alemão, o conceito é menos abstrato, mais “reificado”, transformado numa realidade concreta, quase num agente pessoalizado. Não só caracteriza e descreve, mas determina, controla a conduta da sociedade humana no tempo e lugar específicos.

É um conceito explanatório cujo valor para a história científica deve ter sido debatido arduamente. O conceito foi favorecido por Edwin G. Boring, o grande historiador norte-americano da Psicologia.

Segundo este modelo, o *Zeitgeist* produz idéias (como a “gravitação”), instituições (como casas editoriais ou periódicos) e movimentos científicos (como a psicologia experimental). O *Zeitgeist* faz tudo: se não existisse um Fechner (1801-1887), o fundador da psicofísica, o tempo, o *Zeitgeist*, produziria um substituto de Fechner. Sem Wilhelm Wundt, a psicologia experimental seria institucionalizada em outro lugar, por uma outra pessoa. A idéia, poderíamos dizer, penderia no ar: os tempos estariam prontos para a institucionalização da psicologia científica.

Ora, os homens, principalmente os Grandes Homens, são os agentes, agentes máximos, o *Zeitgeist* mesmo.

Uma tal perspectiva, porém, não é totalmente sem mérito. Está claro que todos nós estamos imersos num ambiente lingüístico, socioeconômico, cultural, político específico.

O *Zeitgeist* é uma metáfora eficaz, simplifica e unifica relato histórico. Quando as metáforas são instrumentos de escolha não para a ciência, mas para a poesia, o conceito de *Zeitgeist* pode vir a sugerir a existência de um demiurgo ou demônio, que manipularia os cordões da história, gerando e aplicando forças.

Na realidade, o *Zeitgeist* é uma construção hipotética, um modo elegante de interpretar a conduta dos indivíduos e dos grupos de indivíduos.

O *Zeitgeist* é o fundo de um esquema interpretativo da história e, como tal, é útil na reconstrução e compreensão de eventos históricos. Como uma abordagem à explanação dos eventos históricos (por exemplo, o estabelecimento de um laboratório para pesquisa experimental psicológica em Leipzig em 1879) não basta. É uma simplificação exagerada, excessiva.

A idéia é útil para lembrar-nos de que conhecimentos, opiniões, dogmas do dia formam uma parte, parte importante, de nossa existência. São uma parte do complexo de estímulos a que os homens, inclusive os Grandes Homens, respondem.

2. Grandes homens

O conceito de *Zeitgeist* sugere a existência de uma “alma coletiva”. O conceito de “Grandes Homens” é situado num pólo oposto. Segundo este modelo, são os homens e as mulheres excepcionais que criam a história.

3. Abordagem psicanalítica

Fala-se de “psicohistória”. Em última análise, toda história é “psicohistória” – o estudo do comportamento dos homens e dos grupos de homens. Neste caso, falamos de “psicohistória” no sentido geral, sem limitar-nos à interpretação psicanalítica, freudiana. Desafortunadamente, a psicologia não foi capaz de oferecer aos historiadores um modelo da personalidade com que se possa contar e que seja útil ao historiador. A Psicologia científica põe ênfase no estudo das leis gerais do comportamento. O historiador está interessado no comportamento de indivíduos.

Em anos relativamente recentes, emergiu uma variedade da psichistória, muitas vezes apresentada como a psichistória baseada na psicanálise. A psicanálise tem as suas raízes no estudo dos pacientes individuais e propôs um esquema interpretativo unificado de comportamento do cliente. Freud mesmo pode considerar-se como o primeiro historiador com a orientação psicanalítica (veja *Leonardo da Vinci: Um estudo da personalidade*, 1947, em inglês, publicado em alemão em 1910). A versão alemã tem um título mais modesto e mais instrutivo: *Eine Kindheitscrinnerung des Leonardo da Vinci – Uma lembrança de Leonardo da Vinci*).

Há um perigo genuíno de que um relato psicanalítico se torne, como diz Hugh Trevor-Roper (“Reinventing Hitler”, *Sunday Times* (London), 18 fevereiro de 1973), em um “conto de fadas clínico”: em lugar de começar com os fatos e proceder, cautelosamente, à interpretação da evidência, às conclusões, os historiadores da escola psicanalítica podem recriar os fatos na base de sua teoria.

Freud baseia seu relato, acima citado, nas fantasias de uma lembrança da infância de da Vinci. O pouco de informação que existe é interpretado de um modo gratuito. A psicanálise não prova ser um modelo satisfatório para a análise histórica, é um modelo sedutor.

4. Uma visão multifatorial

Os eventos históricos, como todos os eventos que concernem à conduta humana, são complexos. Este fato sugere a utilidade de uma metodologia pluralista. O modelo teve que acomodar uma variedade de estratégias; dirige a atenção do historiador a variáveis que podem ser examinadas empiricamente, e que suprem uma base válida para a síntese histórica. Ambos, o *ator* e o *contexto*, devem ser considerados.

R.F. Berhoffer (1969), no seu livro *A behavioral approach to historical analysis – Uma abordagem condutual à análise histórica* (NY: Free Press, 1969) especifica: “A tarefa primeira de uma análise histórica é considerar a situação em que o ator se acha, a sua interpretação da situação e as suas atividades na situação”. Não podemos esquecer que os indivíduos atuam uns sobre os outros e, deste modo, geram atividades coletivas.

Historiografia das idéias psicológicas

O termo *psychologia* é o equivalente neo-grego de *Peri psyches* do grego clássico, o título de uma das obras de Aristóteles, *De anima*, no latim.

A história da origem do termo *psychologia* não é completamente clara. O problema é tópico que interessa, desde anos, à professora Marina Massimi e a mim. Esperamos completar, brevemente, um artigo que contribuirá para a solução deste antigo quebra-cabeça.

O que é claro é que o termo apareceu no começo do século XVI.

Conseqüentemente, no senso estrito, não podemos falar de “psicologia” e de história da psicologia antes do aparecimento deste termo.

Ao mesmo tempo, acho útil o termo *idéias psicológicas*.

No Brasil foi o professor Antônio Gomes Penna quem introduziu o termo no seu livro de 1980, intitulado *História das idéias psicológicas*. O livro começa com “a reflexão psicológica entre os primitivos” e passa às idéias psicológicas na Grécia, no pensamento cristão, na França, Grã-Bretanha e Alemanha, voltando à França de Maine de Biran e de Henri Bergson.

Marina Massimi, na sua *História da psicologia brasileira: da época colonial até 1934*, publicada no ano de 1990, dedica o primeiro capítulo aos conhecimentos psicológicos, quer dizer, *idéias psicológicas* no Brasil colonial. Inclui três setores: 1) Idéias psicológicas dos índios brasileiros, com ênfase na criança e na mulher da sociedade indígena; 2) Cultura católica do Brasil colonial, incluindo os conceitos e métodos psicopedagógicos dos jesuítas, o conhecimento de si mesmo, de paixões e da tristeza; 3) Idéias do século XVIII, terminando com idéias tocantes à fundação de uma ciência do homem.

O meu colega de Praga, professor Hoskovec e eu achamos o termo e o conceito de *idéias psicológicas* útil como título de um livro que será publicado em 1998, na ocasião das comemorações dos 650 anos da fundação da Universidade em Praga, Boemia, no ano de 1348. O livro apresentará as idéias psicológicas de autores tchecos, associados com a universidade, como alunos ou professores nesse largo período de tempo.

As idéias psicológicas apresentadas nesse livro podem agrupar-se nas oito categorias que correspondem às seguintes disciplinas ou especialidades da psicologia: Psicopatologia (pessoas que têm o vício da bebida, o suicídio), Psicologia do desenvolvimento (criança, velhice), Psicologia educacional (o processo de aprender e de ensinar), Higiene mental (adaptação ao esforço/stress, na velhice), Personalidade (as necessidades psicológicas, ter ou não ter criança), Psicologia pastoral (os pecados e pecadores), Psicologia ocupacional (o trabalho humano), Psicologia política e social (caráter e conduta nacional, aspectos morais de nacionalidade, aprender línguas como uma abordagem da paz entre povos, partidos políticos, uma sociedade inspirada com, idéias morais).

A preparação de uma história deste gênero é um empreendimento novo, um empreendimento que desafia.

História da psicologia – fontes de informação: a literatura

Além das *obras de consulta*, há duas formas de literatura, a literatura primária e a literatura secundária.

A literatura *primária* refere-se aos livros originais e artigos nos jornais. Esta literatura, escrita em diversos idiomas, ocuparia o espaço de uma grande biblioteca.

A literatura *secundária* é constituída de monografias científicas, relativamente poucas, dedicadas aos indivíduos, temas especializados, sistemas e campos de psicologia, e de uma grande quantidade de livros escolares.

Um dos livros nesta última categoria que poderia ser de interesse é *The story of psychology*, uma obra modesta de Frank J. Bruno. A edição original apareceu no ano 1972 (NY: Holt, Rinehart & Winston). A tradução em português, por Tomas Croft de Moura, foi publicada sete anos mais tarde, em 1979 (Lisboa: Sociocultura).

Estudo quantitativo – exemplos de trabalhos

1) Nossas análises historiométricas da literatura psicológica começaram com o estudo “do período da citação” (“citation longevity”, longevidade da citação) como critério de importância histórica de uma obra.

A obra específica era um artigo do fisiólogo holandês, F.C. Donders, intitulado – na sua versão alemã – “Die Schnelligkeir Psychischer Prozesse”, publicado em uma revista importante, *Archiv fuer Anatomie und Physiologie und wissenschaftliche Medizin* – Arquivo de Anatomia, Fisiologia e Medicina Científica. O artigo apareceu no ano de 1868 e foi citado num período de cem anos. O número de citações aumentou nas décadas de 1940 e 1950, devido ao interesse dos psicólogos experimentais no problema de comunicação. O número máximo de citações ocorreu no ano de 1968, no centenário da publicação da versão alemã.

Os erros de edição e de tradução na versão em holandês exigiram um artigo à parte que publiquei no ano de 1970. Passei então a examinar a história da versão alemã. Neste exemplo nos cabe formular muitas questões: mas e quem leu (e quem citou) a versão holandesa do artigo? Quem leu (e citou) a tradução inglesa? Que importância têm a língua e a revista em que uma obra aparece para seu “significado” histórico?

2) Em outro estudo bibliométrico, as traduções de livros publicados no estrangeiro servem como critérios de observação do “clima” político e cultural de um país. O país de um trabalho que desenvolvi foi a Iugoslávia do pós-guerra.

No período da guerra o comunismo soviético ganhou a supremacia.

No ano de 1948, Tito mandou os representantes soviéticos para casa. O seu modelo de comunismo diferia profundamente do modelo soviético, com ênfase na “samopravljanje”. Os trabalhadores, não o Estado, deveriam ser os donos das fábricas. Stalin ficou furioso, e a guerra diplomática e econômica contra a Iugoslávia foi violenta. Paulatinamente, as relações históricas tradicionais de sérvios com a França e de Croatas com a Alemanha mostraram a sua vitalidade, e o crescente poder econômico e militar dos Estados Unidos emergiu como fator decisivo.

Esta contextualização histórica vem ilustrar como as traduções de livros psicológicos na Iugoslávia puderam ser tomadas como indicadores da dificuldade no pós-guerra com a crise geral na economia. As primeiras traduções foram de livros russos. Em meados dos anos 50 apareceram as primeiras traduções de livros franceses, seguidas pelas traduções de livros alemães. Finalmente, na década de 60 a literatura americana dominou.

3) Em um terceiro estudo, coletamos dados de uma série de dissertações apresentadas na Universidade de Valencia, na Espanha, citadas na análise de quatro importantes revistas americanas. O número total de citações foi em torno de cem mil. Observando-se os idiomas das obras citadas, verificamos uma mudança sistemática com o passar do tempo. Para simplificar, quando comparamos a última década do século XIX com os anos de 1940 e 1945, verificamos que a porcentagem de citações de obras alemãs decresceu de 31% a 8%, e as citações de obras francesas, de 11% a 2%. Ao contrário, as citações de obras inglesas, preponderantemente norte-americanas, cresceram de 56% a 89%.

4) De que forma uma análise quantitativa pode facilitar a compreensão de uma estrutura tão complexa como uma disciplina científica? Formulei esta pergunta na segunda metade da década de 60 – mais do que dez anos desde a morte de Stalin (ano de 1953) e no começo de uma liberalização na sociedade soviética, mesmo uma liberalização relativa e parcial. A publicação dos jornais psicológicos na União Soviética terminou no começo da década de 30: as revistas *Psicologia*, *Pedologia*, e a *Revista para o Estudo da Personalidade* cessaram de ser publicadas no ano de 1932. A *Psicotécnica soviética* desapareceu dois anos mais tarde, no ano de 1934, e durante um período de 20 anos nenhuma revista da psicologia apareceu em russo. A revista *Problemas da Psicologia* surgiu no ano de 1955.

No ano de 1963 participei como delegado oficial da *American Psychological Association*, no segundo congresso da *Sociedade Psicológica da União Soviética*, que aconteceu em Leningrado.

Dois eventos marcaram o ano de 1966: 1) A reunião, em Moscou, do 18º Congresso Internacional da Psicologia e 2) a transformação dos departamentos de psicologia das universidades de Moscou e de Leningrado em faculdades de psicologia.

Escolhi os catálogos da terceira reunião da Sociedade Soviética de Psicologia, de 1968, para uma análise quantitativa do seu conteúdo. O número de referências às especialidades de psicologia, como base para esboçar a estrutura da psicologia soviética no fim da década, no ano de 1968, foi 906 no total.

São os resultados:

Área	%
Psicologia da criança e da educação	29,2
Psicologia geral-experimental	20,7
Psicologia médica	15,2
Tecnopsicologia	12,8
Educação física e psicologia esportiva	7,3
Personalidade, psicologia diferencial	5,9
Psicologia social	3,8
Psicofisiologia	2,2
História da psicologia	1,2
Relatos filosófico-teóricos	1,0
Psicologia comparativa	0,7

Que dados são interessantes ou surpreendentes?

A estrutura difere do padrão da psicologia norte-americana. O campo de pesquisa mais amplo é o campo de psicologia da criança e de educação. Seguem a psicologia geral-experimental, médica e tecnológica. Surpreendentemente em alta frequência de citações é o campo da educação física e psicologia esportiva.

5) Nosso estudo bibliométrico mais recente (Brožek e Hoskovec, 1995) tem a ver com a relação entre a psicologia tcheca e a literatura internacional. A primeira fonte de informação foram os trabalhos psicológicos escritos por Thomas Garrigue Masaryk (1850-1937) publicados no período de 1880-1900. Neste período Masaryk serviu como professor de filosofia na Universidade Tcheca de Praga.

Controvérsias como recurso metodológico em história da psicologia

Na Ciência idealizada, com o “C” grande, não há lugar para controvérsias. De fato, nas revistas de física, biologia ou fisiologia não há espaço *institucionalizado* para controvérsias. Nas “verdadeiras ciências”, assim insiste o folclore, relatam-se dados, desenvolvem-se teorias, que serão aceitas quase sem debate. Na Psicologia, ao contrário, se examinamos um número do *Contemporary Psychology*, revista norte-americana de resenhas bibliográficas, encontramos uma seção intitulada “On the other hand” (Por outro lado...).

A perseverança no sentido de ser apegado a uma abordagem ou a um ponto de vista é, de fato, um aspecto negativo do pensamento dirigido a soluções, mas a persistência, o esforço contínuo, é uma conduta essencial a todo empenho para resolver problemas. Muitos anos foram necessários para o desenvolvimento da teoria de relatividade de Einstein. Persistência é um ingrediente significativo para qualquer realização substancial.

Em particular na ciência norte-americana, as controvérsias não gozam de boa reputação. São vistas como uma injeção de emocionalismo no empreendimento racional que é a ciência. Alguns psicólogos, entre outros, Mary Henle, divergem sobre esse ponto. As questões podem ser significantes, não triviais, e não devem ser negligenciadas.

Mary Henle deu ênfase ao fato de que o significado de um termo ou de uma declaração depende do contexto em que ocorre. Não é raro que as controvérsias emergam (e persistam) porque os dados provêm de diferentes contextos.

A verificação (replicação) é critério básico de trabalho na ciência.

Mesmo pequenas diferenças nas condições do experimento, tarefas, métodos e instruções dadas aos sujeitos experimentais podem ameaçar os resultados das observações, e geram controvérsias.

Mary Henle apontou aspectos e efeitos potencialmente positivos de controvérsias científicas:

1) uma controvérsia pode estimular pesquisa adicional, com melhor desenho de experimentos e com métodos melhores;

2) uma controvérsia pode contribuir para o esclarecimento da matéria em pesquisa e para uma formulação explícita das suposições implícitas.

Contudo, os efeitos das controvérsias podem ser também negativos:

1) os pontos de vista podem tornar-se rígidos;

2) algumas vezes, sob o impacto da crítica, as posições tornam-se mais extremas.

Por último, os modos de resolver controvérsias são:

1) uma questão pode resolver-se na base de métodos novos. Às vezes este passo faz-se não pelos protagonistas originários, mas pela segunda ou terceira geração dos cientistas comprometidos com o problema;

2) o problema pode ser visto numa perspectiva menos radical em que as contradições dissolvem-se numa síntese mais abrangente. Por exemplo, a controvérsia entre psicólogos que consideram o meio ambiente ou os fatores genéticos como determinantes do comportamento pode resultar na elaboração de um modelo que inclua um terceiro fator, a atividade do organismo.

Estas reflexões podem ser consideradas como um capítulo da filosofia (mais precisamente, da epistemologia). Qual é o significado das controvérsias para a historiografia? A análise das controvérsias constitui um método para reconstruir a história da psicologia. Foi um historiador alemão J.L. Pongratz (de Wurzburg) quem preparou um grande livro baseado neste princípio (infelizmente, não encontrou uma editora que recebesse o texto).

Até agora, listamos todos os tópicos de interesse para o historiador da Psicologia? Certamente não. A Psicologia como disciplina científica e como profissão apresenta uma quantidade praticamente ilimitada de temas. É a seleção do tema que é de importância crítica.

Como fazê-la judiciosamente? Não há receita universalmente válida.

Algumas “obras de consulta”

WATSON, Robert I. (I, 1974; II, 1976).

Eminent Contributors to Psychology.

Vol. I, A Bibliography of Primary References. 470 pp.

Vol. II, A Bibliography of Secondary References. 1158 pp.

Uma análise e crítica detalhada (“Summa psychologiae: A special review”) apareceu no *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 14, 74-83, 1978. O resumo termina como segue: “A bibliografia representa uma obra de consulta essencial. Servirá aos estudantes, professores e especialistas dentro e fora da psicologia”.

História da psicologia – um guia:

VINEY W. Wertheimer, Michel, & Wertheimer, Mariyn L. *History of Psychology: A guide to information sources*. Detroit, Michigan: Gale Research Co., 1979. 502 pp.

O livro tem 5 partes: a) Obras de consulta geral. b) Obras de consulta específica no campo da história da psicologia (obras sumárias [*abstracts*], livros de leitura [*readings*], psicologia nos diferentes países [nada a respeito do Brasil...], histórias especializadas (sociedades, revistas, instrumentos, mulheres). c) Sistemas e escolas. d) Áreas da psicologia. e) Áreas relacionadas.

Dicionários e enciclopédias de Psicologia

CORSINI, R.J. (Ed.) (1984; segunda edição, 1994). *Encyclopedia of Psychology*. 4 volumes; o quarto volume é dedicado à bibliografia.

DUIJKER, H.C.J. & Van Rijswijk (1975). *Trilingual Psychological Dictionary*. vol. 1, E-F-G; vol. 2, F-G-E; vol.3, G-E-F. Bern, Hans Huber (um vocabulário).

ENGLISH, H.B. & English, Ava Champney, (Eds.) (1958). *A Comprehensive Dictionary of Psychological and Psychoanalytic Terms: A Guide to usage*. Nova York, Longmans, Green & Co.

EYSENK, H.J., Arnold, W., & Meilli, R. (1972). *Encyclopedia of Psychology* (in 3 vols.). Nova York, Herder. (mais um dicionário do que uma enciclopédia).

HEHLMANN, W. (1974). *Worterbuch der Psychologie* (com informações biográficas). Stuttgart, A. Kroener Verlag.

RITTER, J. & Gruender, K. (vol. 1, A-C, 1971; vol. 8, R-Sc, 1992) *Historisches Worterbuch der Philosophie*. Basel, Schwabe Verlag. (uma obra enciclopédica).

ZUNE, L. (1975) *Names in the History of Psychology: A Biographic Sourcebook*. Nova York, John Wiley.